



Lilian Amaral
Doutora e Mestre em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e Universidad Complutense de Madrid UCM (2000/2010). Pós-doutorado em Arte, Ciência e Tecnologia pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (IA/Unesp); Pós-doutorado em Arte e Cultura Visual pelo PPGACV (bolsista PNPd/CAPES) da Universidade Federal de Goiás/UFG e Universidade de Barcelona (UB/Espanha, 2014). Bacharelado em Artes Visuais pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP). Curadora, docente e pesquisadora no campo da arte pública, memória e imaginário social. Coordenadora da Linha de Pesquisa R.U.A. Realidade Urbana Aumentada / Arte e Media City – MediaLab UFG/IA/UNESP. Dirige a Rede Internacional de Educação patrimonial contexto ibero-americano www.oepe.es e líder do Grupo de Pesquisa HoloCi(u)dad(e) – Laboratório de Escuta do Território, Diversitas(USP). Membro do Grupo de Pesquisa Barcelona BR :: AC - Barcelona Recerca Arte y Creación – Universidade Barcelona e LabLuz, Universidade Politécnica de Valência, Espanha. <http://www.espai214.org/holos/>; lilianamaral@gmail.com <https://orcid.org/0000-0002-5652-4300>

Arte, memória e saúde em territórios expandidos: tecendo redes de afetos ou arte pode não curar, mas sua ausência adoecer

Art, Memory and Health in Expanded Territories: Weaving Affect Networks or Art May Not Cure, But its Absence Sickens

Resumo: A presente discussão propõe estabelecer um diálogo entre os campos da arte urbana contemporânea e saúde pública, em uma perspectiva histórica, a partir da presença dos CECCOS – Centros de Convivência e Cooperativa da cidade de São Paulo e o projeto de arte colaborativa *TOQUE – instalação em processo | autoria compartilhada*, considerando a realização da exposição processual realizada na Universidade de São Paulo, na galeria e espaço expositivo da Biblioteca Brasileira, Fundação Guita e José Mindlin, em 2019. Olhares Transversos, espaço de memória, copesquisa e cocriação estabeleceram interlocuções entre os campos da criação poética como espaços de vida e potência existencial, ao mesmo tempo que reescreve a história da cultura urbana em suas interfaces interseccionais, interculturais e transdisciplinares.

Palavras-chave: Arte urbana contemporânea, Saúde pública, CECCO - Centro de Convivência e Cooperativa, Toque, Arte colaborativa.

Abstract: The present discussion proposes to establish a dialogue between the fields of contemporary urban art and public health, in a historical perspective, beginning with the existence of CECCOS – Center of Coexistence and Cooperative in the city of São Paulo, SP, Brazil and the collaborative art project *TOQUE – installation in process | shared authorship*, considering the realization of the processual exhibition held at the University of São Paulo, in the gallery and exhibition space at the Biblioteca Brasileira, Fundação Guita and José Mindlin, in 2019. Transversals, memory space, coresearch and cocreation establish interlocutions between the areas of poetic creation as spaces of life and existential potency, while rewriting the history of urban culture in its intersectional, intercultural and transdisciplinary interfaces.

Keywords: Urban contemporary art; Public health; CECCO – Community and Cooperative Center; Touch; Collaborative art.

Transitar entre a autonomia e a instrumentalização parece ser um dos dilemas enfrentados pela arte que incide em dinâmicas sociais, prática contemporânea derivada da arte pública e suas decorrentes hibridizações, como “novo gênero de arte pública” (LACY, 1995), “arte contextual” (KWON, 1997), “estética relacional” (BOURRIAUD, 2006), entre outras reconfigurações. Tais questões podem iluminar um debate sobre as práticas críticas como campos de ação processuais e colaborativos apontando para renovadas formas de experimentação, comunicação, apropriação e pertencimento. Objetiva-se, entre os recortes a serem estabelecidos e articulados, investigar os modos de fazer artísticos como práticas críticas, os processos de transformação no território deles decorrentes e as implicações políticas no tecido social.

Nessas circunstâncias abertas, surgem determinados projetos que permitem aprofundar a compreensão da expansão de limites tensionados pela arte contemporânea, propositores de espaços de encontros entre arte e vida, estética e política e entre artista/criador e sociedade.

Uma das características comuns em relação aos projetos e práticas artísticas em discussão na atualidade é a duração e dilatação do tempo. O tempo mesmo se converteu em conteúdo. Nicolas Bourriaud (2006, p. 130-131) nos informa, ao refletir sobre a estética relacional e seus contextos, que:

a produção de uma subjetividade que auto enriqueça de forma contínua o mundo, define de maneira ideal as práticas dos artistas contemporâneos que criam e colocam em cena dispositivos de existência que incluem métodos de trabalho e modos de ser; em lugar dos objetos concretos que delimitavam até agora o campo da arte, utilizam o tempo como um material.

Seguindo esta linha de argumentação, e em diálogo com as ideias de Bourriaud, tomamos partido do que se pode nomear como *especificidade relacional*. Mais do que afirmar diferenças, as práticas *site-oriented* atuais, especialmente analisadas por Miwon Kwon em seu artigo *One place after another: notes on site specificity* (1997), herdaram a tarefa de demarcar a especificidade relacional a partir de negociações das tensões dos polos distantes e das experiências espaciais, quer dizer, endereçam-se às diferenças das adjacências e distâncias *entre* uma coisa, uma pessoa, um lugar, um pensamento, um fragmento *ao lado do outro*, mais do que evocam equivalências por meio de *uma coisa após a outra*.

Diante desse panorama que tem caracterizado o lugar da arte contemporânea, seu embate com as diversas temporalidades na implicação dos modos de fazer artístico que operam processual e co-elaborativamente, evocamos algumas ideias do campo da geografia humana propostas por Milton Santos (2000, p. 83), nas quais “as horizontalidades são zonas de contiguidade que formam extensões contínuas”, configurando o que François Perroux (1981) denomina de “espaço banal”, o que corresponderia ao espaço de todos: empresas, instituições, pessoas; o espaço das vivências. Em tal espaço, conforme o geógrafo brasileiro,

todos os agentes são, de uma forma ou de outra, implicados, e os respectivos tempos, mais rápidos ou mais vagarosos, são imbricados. (...) Em tais circunstâncias pode-se dizer que a partir do espaço geográfico cria-se uma solidariedade orgânica, o conjunto sendo formado pela existência comum dos agentes exercendo-se sobre um território comum. Nas horizontalidades funcionam, ao mesmo tempo, vários relógios, realizando-se, paralelamente, diversas temporalidades. (SANTOS, 2000, p. 111-112).

Desta forma, temporalidades e territorialidades operam um constante tensionamento entre espaços de fluxo e espaços banais, resultam na readaptação às novas formas de existência. Entendemos que tal processo é também aquele pelo qual uma sociedade e um território estão sempre em busca de um sentido e exercem, por isso, uma vida reflexiva. Assim, ainda segundo Milton Santos,

o território não é apenas o lugar de uma ação pragmática, (...) comporta, também, um aporte da vida, uma parcela de emoção, que permite aos valores representar um papel. O território se metamorfoseia em algo mais do que um simples discurso e constitui um abrigo. (SANTOS, 2000, p. 115).

No que se refere à relação entre território e experiência, podemos encontrar no campo da geohistória uma possível relação dialética entre espaço e tempo, superando, assim, a visão tradicional que predominou até pelo menos o início do século XX, a qual encarava o espaço geográfico como estático, como mero “marco natural” para a ação humana. A partir de Braudel (1997), contudo, os campos disciplinares da história e da geografia se aproximam, possibilitando o que Braudel chamava de “tempo geográfico” e Alain Musset denomina de “geografia de longa duração” (MUSSET, 2009). A realidade atual é mais facilmente compreendida e/ou apreendida a partir da relação espaço-tempo ou da “geografia de longa duração”, que permite conclusões muito mais pertinentes sobre essas diferentes realidades geográficas e urbanas que caracterizam a paisagem ibero-americana e ajudam-nos a compreendê-las no momento presente. A geohistória, em outras palavras, nos possibilita entender a cidade atual, tanto em sua dimensão social quanto espacial, a partir do nosso olhar sobre a cidade do passado.

Com base nas contribuições destes variados campos, entende-se que somente as práticas culturais que têm essa sensibilidade relacional podem tomar encontros locais em compromissos de longa duração e transformar intimidades passageiras em marcas sociais permanentes.

Tocar é ser também tocado

Trazemos para nosso campo de experimentação e análise a partilha de vivências desdobradas a partir e ao redor da mostra *TOQUE – instalação em processo | autoria compartilhada*¹, tomando como ponto de inflexão a exposição e série de encontros – *Olhares Transversos | Programas Públicos* – como um conjunto de conversas desencadeadas no espaço expositivo da Biblioteca Brasileira - Guita e José Mindlin, na Universidade de São Paulo, entre os meses de fevereiro e abril de 2019, com a presença de artistas, não artistas, pesquisadores, frequentadores de espaços culturais, de saúde coletiva, estudantes. Por meio de uma expansão espaço temporal que o projeto Toque engendra em seus deslocamentos e matriz conceitual, tem-se configurado como lugar de transversalidade de percepções e abordagens promovendo o entrecruzamento de experiências que ocorrem a partir de encontros dos sujeitos consigo mesmos, com a arte e com o outro cultural. Permeada por uma lógica da coexistência, *TOQUE* tem desenvolvido uma série de ações, encontros, mediações e discussões abertas as quais vêm apontando as possibilidades da arte construir *lugar*.

TOQUE propõe o embaralhamento de categorias e coloca em pauta indagações sobre temas essenciais à vida no contexto contemporâneo, dentre os quais as relações com a diferença, a diversidade e acessibilidade cultural, a participação social

[1] Projeto do artista visual Hélio Schonmann, iniciado em 2016, no Museu de Saúde Pública Emílio Ribas, São Paulo, com deslocamentos por diversos espaços museológicos e culturais do Estado de SP. Curadoria Lilian Amaral.

e as experiências de recomposição da esfera pública e do espaço do comum.

Essa mostra de autorretratos, coautor e colaborativa, e o ciclo de encontros fazem vibrar as transformações e deslocamentos que vivemos nos últimos 30 anos, na sensibilidade, na cultura e nas políticas públicas, impulsionados por um sem número de experiências e projetos que constituíram e ampliaram o território de interface entre a arte, saúde, cultura, educação e promoção social.

Olhares Transversos | Programas Públicos pautam-se na ampliação dos espaços dialógicos que colocam em relação a potencialidade das experiências entre arte e vida de grupos humanos em contextos e territórios (a)diversos, tendo as problemáticas da memória/esquecimento entre suas emergências e a convivência como dispositivo de (re)existência.

Como política – que tem relação com a vida –, as questões da memória sempre foram negligenciadas das discussões das políticas públicas sobre os direitos que se tem e como deveriam ser. Talvez o esquecimento seja o afeto biopolítico mais perigoso de todos os tempos porque ele captura a memória na era do esquecimento dos direitos constitucionais à vida. Neste sentido, parece-nos adequado resgatar a memória política; em outros termos, discorreremos sobre a produção do comum, da Arte como disparadora de sentidos e conexões e a percepção da urgência na criação de um Memorial da Convivência Criativa analisando e tecendo implicações a partir de suas interfaces com a cultura, saúde coletiva e direito à cidade.

Olhares Transversos propõe uma imersão numa experimentação expandida da arte. O conceito de campo expandido ou ampliado da arte foi forjado pela crítica e historiadora de arte norte-americana

Rosalind Krauss para pensar a ampliação das práticas e dos meios de expressão artísticos que estava em curso, no final dos anos 1970. Rosalind Krauss estava mobilizada por problematizar a ampliação que o conceito de escultura vinha experimentando, quando propostas bastante heterogêneas passaram a receber essa denominação embora não se encaixasse muito bem nessa categoria, como se a denominação de escultura tivesse se tornado infinitamente maleável. Conforme nos informa Krauss (1984), a categoria de escultura e várias outras nas artes tinham sido “moldadas, esticadas e torcidas, numa demonstração extraordinária de elasticidade, evidenciando como o significado de um termo cultural pode ser ampliado a ponto de incluir quase tudo” (KRAUSS, 1984, p. 129). A partir dessa primeira conotação, a expressão começou a ser utilizada com frequência nas artes performativas, para nomear proposições que borram as fronteiras entre linguagens ou meios de expressão. Na teia de sentidos que se constituiu em torno dessa expressão, articulando e derivando problemáticas, evocamos as palavras de Cassiano Quilici, que nos diz que

fazer transbordar as práticas artísticas para fora dos circuitos e dos sentidos que lhe são habitualmente atribuídos, inserindo-as em lugares insuspeitos, articulando-as com outras formas de saber e fazer, colocam em cheque categorias que se encarregam de situar a arte em um campo cultural nitidamente definido. (QUILICI, 2014, p. 12).

Nesse contexto, Bourriaud, referindo-se à Rosalind Krauss acerca da escultura expandida no campo ampliado, levanta uma questão sobre os acontecimentos nas ruas da cidade, em que não se trata tão somente de ampliar os limites da arte, mas sim, apropriar-se do espaço público e das relações criativas nas derivas pelas ruas

e o viver na cidade em um campo expandido de acontecimentos e potências criativas. “Testar a capacidade de resistência dentro do campo social global aprofunda a função crítica e transgressora da arte contemporânea como invenção de linhas de fuga individuais e coletivas, em construções provisórias e nômades com que o artista modela e difunde situações desestabilizadoras.” (BOURRIAUD, 2009, p. 44).

Considerando a expansão de campos de práticas, a mostra *TOQUE* inicia sua trajetória ao deslocar-se por espaços expositivos, inicialmente apresentada no Museu de Saúde Pública Emílio Ribas, na cidade de São Paulo, transitando por museus, espaços públicos e centros de cultura na capital, no interior e litoral do Estado de São Paulo, de 2016 até os dias atuais. Neste caminhar, produziu mais de 255 autorretratos em relevo que configuram-se como uma poderosa cartografia do desejo coletivo e de partilha de (auto)reconhecimento – EUTRO.



Projeto **TOQUE** convida
Ciclo de Encontros

**OLHARES TRANSVERSOS
PROGRAMAS PÚBLICOS**

13/03 - Arte, memória, saúde coletiva e territórios: diálogos e desafios contemporâneos
20/03 - Integração, identidades e processos colaborativos: pesquisas e práticas
27/03 - Apropriação, pertencimento e transformação: lugares de mediações

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin - Sala Villa Lobos
Rua da Biblioteca, 21 - Cidade Universitária, São Paulo - SP
Entrada pela livraria EDUSP - Telefone: (11) 2648-0841
Horário das mesas 14h00 às 18h00.

Curadoria: Lillian Amaral

USP **PRCEU**
Biblioteca Brasileira Centro Mindlin

Figura 1. E-flyer de divulgação do Ciclo de Encontros *Olhares Transversos | Programas Públicas*, Biblioteca Brasileira, USP, 2019.
Fonte: Acervo da autora

Na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – USP, foi apresentada, entre fevereiro e abril de 2019, a mostra *TOQUE* – instalação em processo | autoria compartilhada, trabalho modular composto por 255 autorretratos em relevo, realizados processualmente desde 2016. Os autorretratos foram criados por pessoas com e sem formação artística, videntes e pessoas sem visão, pacientes psiquiátricos, entre outros. Borrando categorias estéticas, *TOQUE* traz à tona indagações sobre temas essenciais à vida no contexto contemporâneo: identidade, alteridade, diversidade, acessibilidade, inclusão, colaboração, criatividade social, relação individual/coletivo e esfera pública.

Com o objetivo de ampliar as discussões e diálogos sobre os eixos temáticos propostos por *TOQUE*, realizaram-se encontros abertos - Olhares Transversos - Programas Públicos, durante o mês de março, compondo um ciclo de debates que ofereceram uma oportunidade para estabelecer entrecruzamentos e colaborações entre artistas, pesquisadores e profissionais no campo das humanidades e saúde coletiva, cultura e educação, refletindo em conjunto e aprofundando a dimensão dialogal entre tais campos, suas interfaces nas políticas públicas e vida urbana. As transformações que nossa sociedade vem sofrendo no âmbito cultural em escala local/global apontam o sentido de urgência desses debates.

Antecedentes

O projeto de Pesquisa Memorial da Convivência Criativa – Centros de Convivência e Cooperativa da Cidade de São Paulo configura-se como um dos desdobramentos de processos de encontros realizados no Arquivo Público do Estado de São Paulo focados no debate em torno da Arte e Saúde Pública/Saúde Mental, em

edição 18 • junho de 2022

Lillian Amaral

Artigo recebido em 10 mar. 2022 e aprovado em 17 mar. 2022

função da realização da itinerância da mostra *Mais que Humanos. Arte no Juquery* realizada no Museu de Saúde Pública Emílio Ribas, São Paulo, 2016-2017.

Contando com a pesquisa e curadoria desta autora, que convidou o artista visual Hélio Schonmann para integrar a referida exposição com o projeto *TOQUE instalação em processolautoria compartilhada*² - trabalho modular que tem como coautores dezenas de frequentadores dos CECCOs, dentre 255 coautores, participantes da exposição em processo até o presente.

Em setembro de 2017, como parte de nossa investigação e docência junto ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista/Unesp³, e da psicóloga sanitarista co-fundadora dos CECCOs Cris Lopes, coordenamos o Encontro Arte, Cultura, Saúde e Territórios na FUNARTE SP, que promoveu a realização de oficinas para produção de novos módulos (autorretratos em relevo) de *TOQUE* - atividade orientada por Hélio Schonmann e voltada para a formação de profissionais atuantes nos CECCOS. Muitos deles realizaram, após essa proposta de experimentação e formação, oficinas com seus atendidos nas 23 unidades atuantes e distribuídas pela cidade de São Paulo, ampliando ainda mais a participação dos CECCOS na rede de criação da instalação colaborativa. *TOQUE | obra em processo*, vem somando mais e mais coautores a cada ano, a cada deslocamento, sendo exposta continuamente em museus e espaços culturais desde 2016, como mencionado anteriormente.

A exposição apresentada na sala BNDES da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin na Cidade Universitária/USP permaneceu aberta à visitação e organizou visitas mediadas pelo artista no espaço expositivo, bem como debates fundamentais entre os meses de março e abril de 2019. Nesse contexto, o ciclo

*Olhares Transversos - Programas Públicos*⁴ buscou, entre outras perspectivas, ampliar o alcance dos encontros realizados no Arquivo Público do Estado de São Paulo e na FUNARTE, em 2017. A percepção evidenciada a partir de tais antecedentes, apontou para a urgência em se constituir um Memorial da Convivência Criativa, que por 30 anos vem delineando possibilidades outras no campo da inovação social em saúde pública e coletiva, pautada pelos processos de resistência e desmanicomização desdobrados a partir de finais dos anos 80, início dos anos 90.

Em *Olhares Transversos | Programas Públicos* reuniram-se artistas e não-artistas, profissionais de saúde pública/saúde mental, gestores e produtores culturais, professores e pesquisadores de diversas instituições públicas e privadas, museológicas e de ensino superior, visando aprofundar a reflexão e trocas em campos de confluência entre o poético e o terapêutico.

Ao longo do mês de março de 2019, três encontros foram realizados, trazendo para o espaço de discussão e intercâmbio a experiência de profissionais e agentes que atuam nos campos da arte e esfera social.

Com a intenção de destacar que essa escrita se faz em coautoria, no caminhar processual, no encontro de artistas e profissionais que operam nos interstícios entre arte e vida, fomentando lugares onde as mudanças não estão determinadas, em lugares onde o objetivo não está preconcebido, entendemos que este esforço co-elaborativo em meio aos movimentos de co-pesquisa podem originar novas institucionalidades, novos conhecimentos ou linguagens. Sua finalidade é criar memória, criar lugares como observatórios experimentais do território e como laboratórios de aprendizagem, experimentação e desenvolvimento de projetos, inventações.

[2] O site do projeto: [TOQUE](#)

[3] PPG Arte e Terapias Expressivas. Instituto de Artes da Unesp, SP, 2016/2017.

[4] Press release sobre o projeto: < <http://prceu.usp.br/noticia/debates-olhares-transversos/> >

Desta forma, mais do que apresentar um projeto que caminha sobre postulados e certezas, entendemos que a função social do artista, mediador, pesquisador contemporâneo, deveria ser da gestão e realização de projetos de valores, não somente estéticos, mas também éticos, dentro de comunidades em que desenvolve seu trabalho para converter a arte em veículo de comunicação, de expressão coletiva e de participação. A arte e a cultura permitem a construção de significados compartilhados e integrados à vida cotidiana de um contexto determinado.

Assim, apresentamos, a seguir, as tessituras engendradas por Olhares Transversos, em que as temáticas e os conversadores participantes - aqueles que vêm apostando em processos de transformação do comum, de forma co-elaborativa - entendem, assim como nós, que tais processos podem criar campos de confluência e entrelugares existenciais. Como forma de valorizar o campo transdisciplinar de atuação bem como as zonas de contato estabelecidas, apontamos as ideias que nortearam o Ciclo de discussão.

Olhares Transversos | Programas Públicos: espaços propositores de encontros

13/03: Mesa 1

Arte, memória, saúde coletiva e territórios: diálogos e desafios contemporâneos

O encontro reuniu psicólogos, terapeutas ocupacionais, pedagogos e historiadores, destacando convergências e sinergias entre o campo artístico, o campo terapêutico e o território, pensadas numa perspectiva histórica, contextual e relacional. A mesa debateu, também, o processo de criação e pesquisa do Memorial da Convivência Criativa, em São Paulo. Contou com a curadoria e mediação da Profa. Dra. Lilian Amaral.



Figura 2. Da esquerda para a direita: Andrea Amaral Biella, Fernanda Vieira, Hélio Schonmann e participantes. Fonte: Marcio Silveira.



Figura 3. João Cardoso, curador da Biblioteca Brasileira, Lilian Amaral e participantes na abertura do Ciclo Olhares Transversos | Programas Públicos. Fonte: acervo Projeto Toque. Fonte: Marcio Silveira.

20/03: Mesa 2

**Integração, identidades e processos colaborativos:
pesquisas e práticas.**

O encontro reuniu pesquisadores e agentes no campo da arte, da urbanidade e da filosofia, focando trabalhos colaborativos na contemporaneidade: seus horizontes, suas contribuições em termos de integração e acessibilidade. Mediação: Hélio Schonmann.



Figura 4. Baixo Ribeiro, Léon Kossovitch, Paulo PT Barreto e Lilian Amaral.
Fonte: Marcio Silveira.



Figura 5. Tim Neri e Hélio Schonmann. Fonte: Lilian Amaral.



Figura 6. Espaço da Biblioteca Brasileira, auditório. Acervo do Projeto Toque,
< <http://projeto-toque.blogspot.com/2019> >/. Fonte: Marcio Silveira.

27/03: Mesa 3

**Apropriação, pertencimento e transformação:
lugares de mediações**

O encontro promoveu o encontro entre arte/educadores, terapeutas, artistas e ambientalistas, propondo uma reflexão sobre relações entre arte, subjetividade, cultura, ambiente/território, discutindo potencialidades e fricções no trabalho que envolve variados âmbitos de mediação cultural, educativa e social. Mediação: Profa. Dra. Lilian Amaral.



Figura 7. Hélio Schonmann, Lilian Amaral, Assucena Tupiassu, Cláudia Pulchinelli e Mirian Celeste Martins. Foto: Marcio Silveira.



Figura 8. Mirian Steinberg e Lucena Rodrigues. Fonte: A autora.



Figura 9. Altina Felício. Fonte: A autora.



Figura 10. Esquerda para direita: Assucena Tuplassu, Cláudia Pulchinelli, Mirian Celeste Martins e participantes. Fonte: A autora.

**Urgências, emergências, transcendências:
construção partilhada do comum**

Toque vem instaurando um campo de práxis processual que traz para dentro de seu corpo de significação poética em permanentemente mutação, a polifonia e a disrupção resultantes das relações estabelecidas entre e com os territórios humanos e urbanos em seu entorno e pelas redes estabelecidas.

A partir dessas redes, criação, pensamento, pesquisa, cuidado e convivência engendraram experimentações estéticas, em que corpos constroem formas de vida, de encontro, de troca, de enriquecimento mútuo. Produções que buscam fazer corpo com um acontecimento, em configurações semióticas que são ao mesmo tempo produção de território existencial e produção de mundo comum. Elas instauraram uma obra coletiva, marcada por uma associação particular entre pesquisa, arte, saúde e vida, na qual conhecimentos são produzidos em conexão com exercícios de cuidado e compartilhamento de saberes (cf. LIMA et al., 2011). Integrando pessoas das mais diversas procedências e atuações - usuários do sistema de saúde coletiva e atendimento psicossocial, moradores da região conhecida como cracolândia, zona central de São Paulo, pacientes do Hospital Psiquiátrico do Juquery, estudantes e professores de artes, funcionários de espaços culturais e museus, visitantes, pesquisadores do campo da arte, da saúde, da educação e do urbanismo / cidadania, artistas e não artistas, videntes e pessoas sem visão, pacientes de centros de atenção psicossocial, *TOQUE* estabelece, ao longo de seus deslocamentos, espaços de experimentação e potencialização entre as diferenças, tomando-as como potências existenciais.

Em seus movimentos de partilha do sensível, caminha junto a proposições que fazem vibrar as alterações e atravessamentos que vivemos nos últimos trinta anos, na sensibilidade, na cultura e nas políticas públicas, impulsionados por experiências e projetos que constituem e ampliam o território de interface entre a arte, saúde, cultura, educação e promoção social. Ao deslocar-se, encontra outros movimentos e projetos que atuam nos interstícios da arte e não arte, como os “deslocamentos” propostos pelos CECCOs, Centros de Convivência e Cooperativa da cidade de São Paulo, cuja concepção e desenvolvimento da pesquisa em torno do Memorial da Convivência Criativa encontram-se em pleno processo de delimitação de campo e aprovação pela Comissão de Ética da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo.

Entender o lugar da arte como experiência, da memória individual, do corpo social e da prática artística como prática crítica. Assim como seu papel na mediação com o patrimônio cultural, com o comum, a vida cotidiana, constitui-se em um dos enfoques da pesquisa em processo, da ação poética investigativa, co-elaborativa, dialógica, polifônica com o projeto *TOQUE* e *Olhares Transversos*.

Os significados de uma obra ou ação artística são construídos no encontro entre a subjetividade daquele que a propõe e a subjetividade de cada um daqueles que ativamente a tomaram para si. No entanto, no momento em que a proposição começa a tomar forma e o momento em que é ativada, por um e por outro sujeito, deve haver um desejo de alcance público.

Quando se decide apresentar publicamente o resultado ou o processo de um pensamento é porque se acredita que ele pode ser pertinente para outros. E não apenas para aqueles com quem

sabidamente nos entendemos e frequentemente nos encontramos, mas também para outros com quem compartilhamos coisas que talvez ainda não tenham nome.

O corpo – os sentidos – formam a matéria poética para o trabalho de arte processual nesta obra aberta. O patrimônio cultural expresso no conjunto de narrativas tácteis, por seu conteúdo simbólico e significação, funciona como suporte e contexto, movimenta e articula passado e presente para, no encontro com o corpo-mente do espectador-ator, fazê-lo sair da posição de observador indiferente, colocando-o, também em ação, em movimento interior-exterior, percebendo o lugar – espaço praticado, dotado de sentido-, enquanto nele se percebe, performa.



Figura 11. Participantes de *Olhares Transversos* vindos de Botucatu ao fundo, conversadores e em primeiro plano, a artista e arte terapeuta Ana Carmen Nogueira observando objetos mediadores tácteis desenvolvidos pela equipe de educadores do Museu de Botucatu. Acervo: Projeto Toque. Fonte: Marcio Silveira.

As questões que foram discutidas tornam-se urgentes em um mundo e em um momento em que “o novo capitalismo em rede, que enaltece as conexões e os trânsitos, produz simultaneamente novas formas de exclusão, sobretudo quando o direito de acesso às redes de vida, de sentido, de afeto e criação, migra do âmbito social para o âmbito do mercado” (PELBART, 2003, p. 21). Vivemos o que alguns autores chamam de expropriação do comum, que desarticula o mundo e destrói o espaço público, aquele em que podemos nos encontrar e existir em nossas diferenças, cada um diante dos outros. E o mundo árido no qual nos resta viver é envenenado por um excesso de informação, excitação, conexão.

Por outro lado, sentimos que as coisas estão tocando um limiar do intolerável e não podem permanecer como têm sido, mesmo que ainda seja difícil imaginar uma mudança ou mesmo desenhar suas possíveis formas ou direções. Torna-se, assim, urgente produzir experiências estéticas, estabelecer coletivos pensantes, inventar espaços experimentais nos territórios e comunidades, nas instituições ou nas ruas. São tentativas de produzir comum e preocupar-se com um número cada vez maior de pessoas que estão sendo excluídas das redes de vida e cultura.

Neste contexto de lutas, começaram a brotar, nas últimas décadas, experimentações estéticas e culturais nos mais diferentes ambientes, ocupando os espaços mais inesperados da cidade, construindo nichos de respiro e inventividade.

Em tais circunstâncias, destacamos um dos artistas brasileiros que anteviu a emergência dessas experimentações espalhadas pelo território da cidade, em finais da década de 1960, início de 1970 - Hélio Oiticica. Para ele, a vida em si mesma deveria

ser o seguimento de toda experiência estética. Em carta ao crítico e amigo Guy Brett, Oiticica escreveu sobre seu Projeto Barracão, dizendo que não queria mais separar sua experiência da vida real. Reproduzimos aqui suas palavras:

Sinto que a ideia – que tenho tido por algum tempo – cresce para a necessidade de uma nova comunidade, baseada em afinidades criativas, apesar de diferenças culturais ou intelectuais, ou mesmo sociais e individuais. Não falo de uma comunidade para ‘fazer obras de arte’, porém de algo como experiência na vida real – todo tipo de experiências que poderia se desenvolver em um novo sentido de vida e sociedade – uma espécie de construção de ambiente para a vida em si mesma baseada na premissa de que energia criativa é inerente em todo mundo. O ponto objetivo seria construir uma casa de madeira tal como na favela, que as pessoas sentiriam como o lugar delas (...) este espaço seria uma espécie de espaço aberto, um ambiente para a experiência criativa de toda forma imaginável. (OITICICA apud LIMA, 2009, p. 32).

Camadas dessa imagem que Hélio Oiticica cria com seu Projeto Barracão parecem se atualizar em incontáveis experiências que têm proliferado por todo o Brasil nos últimos trinta anos, muitas delas no campo de interface entre Arte e Saúde. Elas constituem espaços que envolvem experimentação artística e diversidade de culturas e formas de expressão, abertos a qualquer um – o que implica criar canais de conversa em ambientes de diferença e pluralidade. Inventar e falar uma língua própria; dançar e se movimentar de um jeito que dá conta da experiência vivida no corpo; invadir os muros e a paisagem da cidade com seus traços e seus rabiscos, suas palavras e seus palavrões.

Interessa, sobretudo, considerar os momentos em que arte e não-arte se provocam e contaminam, colocando em questão a própria existência de uma separação entre as práticas artísticas

e a vida cotidiana e problematizando as partilhas do sensível que definem num espaço comum formas de visibilidade, lugares, tempos e tipos de atividades, definindo também para cada um o fato de ser ou não visível num espaço comum, ser ou não dotado de uma palavra. Nesse sentido, além das dimensões estéticas, clínicas e éticas, essas hibridações colocam em jogo também uma dimensão política, ao trazer para os espaços públicos formas e composições que destoam e provocam dissensos, ao mesmo tempo que inventam mundos. Para Rancière (2005, p. 17), a atividade política está presente sempre que algo “desloca um corpo do lugar para ele reservado ou transforma um lugar de destinação”. Ela se faz através de ações que alteram a partilha do sensível, embaralhando códigos, definindo novas competências no espaço do comum.

No momento político atual, em que as políticas governamentais e estatais estão abandonando o plano coletivo que constitui o seu fora, as recentes experimentações na interface arte, cultura e saúde que se espalharam instaurando espaços de convivência e criação, são um patrimônio imaterial de valor inestimável para futuras recomposições mais justas e democráticas da política como instância de prática socialmente compartilhada.

Provocada por essas aproximações, fricções e mutações, nos parece apropriado operar com o conceito de campo expandido, buscando sua maleabilidade para comportar trabalhos e refletir sobre experiências que se inserem nas margens ou nas fronteiras do campo artístico. Nesse sentido, interessa não somente abordar o atravessamento entre disciplinas ou linguagens artísticas, mas sobretudo considerar os momentos em que arte e não arte se provocam e contaminam, colocando em questão a própria existência de uma separação entre as práticas artísticas e a vida cotidiana.

Isso nos leva à problematização do que Jacques Rancière (2005) vem chamando de partilha do sensível: partilha que, estando no cerne das relações entre estética e política, permite ver quem toma parte no mundo comum em função daquilo que faz e define nele formas de visibilidade, lugares, tempos e tipos de atividades, estabelecendo também para cada um o fato de ser ou não visível num espaço comum, ser ou não dotado de uma palavra. Se hoje as torções e tensões nessa partilha deslocam os lugares do artista, da arte e do público, fazendo com que suas fronteiras sejam borradas e multipliquem-se, isso nos convoca a um exercício de entretecer conexões que possam reativar a potência da arte de engendrar outras sensibilidades, outras formas de vida e de associação, outros mundos possíveis.

REFERÊNCIAS

AMARAL, L. TOQUE: do singular ao plural. Narrativas em processo. In: **TOQUE, Instalação em processo**: autoria compartilhada. Amaral, Lilian; Schonmann, Hélio. (orgs). São Paulo: Fundação Butantã / Museu de Saúde Pública Emílio Ribas, 2017.

BOURRIAUD, N. **Estética relacional**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2006.

BRAUDEL, Fernand. Géohistoire: la société, l'espace, le temps. In: Ayala, Roselyne de; Braudel, Paule (Org.). **Les ambitions de l'histoire**. Paris: Éditions de Fallois. p.68-114. 1997.

KRAUSS, Rosalind. A escultura no campo ampliado. **Gávea**. Revista do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil da PUC-Rio, n. 1, p. 128-137, 1984. Reedição Disponível em: https://monoskop.org/images/b/bc/Krauss_Rosalind_1979_2008_A_escultura_no_campo_ampliado.pdf. Acesso em: 20 abril. 2019.

KWON, M. **One place after another**: Site-specific Art and Locational Identity. MIT Press, 1997.

LACY, S. **Mapping the terrain**: New Genre Public Art. Seattle, Washington: Bay Press, 1995.

LIMA E.A. **Diversidade na arte, criação na diferença**: mapeando estratégias de resistência e criação. Relatório apresentado à FAPESP. Bolsa de Pós-doutorado no Exterior. 2009.

LIMA, E. M. F. A.; INFORSATO, E. A.; QUARENTEI, M. S.; DORNELES, P. S.; CASTRO, E. D. PACTO: 10 anos de ações na interface arte e saúde e suas ressonâncias no campo profissional. **Caderno terapia ocupacional UFSCar**, São Carlos, v.19, n. 3 p. 369-380, 2011.

MUSSET, A. **Geohistoria o geoficción**. Ciudades vulnerables y justicia espacial. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2009.

PELBART, P.P. **Vida capital**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PERROUX, F. **Ensaio sobre a filosofia do novo desenvolvimento**. Ed. Calouste Gulbenkian, 1981.

QUILICI, Cassiano S. O campo expandido: arte como ato filosófico. **Sala Preta (USP)**, v. 14, p. 12-21, 2014.

RANCIÈRE J. **A partilha do sensível**. Estética e política. Tradução Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed.34; 2005.

SANTOS, M. **La naturaleza del espacio**. Técnica y Tiempo. Razón y Emoción. Barcelona: Ed. Ariel, 2000.

Videografia

TOMÉ, Marina. Coautora de TOQUE, produziu um vídeo muito significativo e denso sobre o projeto.

<https://www.youtube.com/watch?v=BYrZdLIOWRg&feature=youtu.be>

Webgrafia

<https://www.youtube.com/watch?v=keAVLRQEk3Y&feature=youtu.be>

<http://prceu.usp.br/noticia/debates-olhares-transversos/>

<http://www.funarte.gov.br/funarte/encontro-%E2%80%98arte-cultura-saude-e-territorio%E2%80%99-reune-coletivos-agentes-e-instituicoes-das-regioes-de-santa-cecilia-luz-e-bom-retiro-sao-paulo/#ixzz4sg4geFir>